

Cópias 10 cópias

JEFFREY, HERF.

O modernismo reacionário.

1- O PARADOXO DO MODERNISMO REACIONÁRIO

Não há algo como a modernidade em geral. Há somente sociedades nacionais, cada uma das quais se moderniza em sua própria feição. Este trabalho examina um paradoxo cultural da modernidade alemã, qual seja, o fato de certos pensadores alemães terem abraçado a tecnologia moderna ao mesmo tempo em que rejeitavam a razão iluminista. Nas teorias sociológicas do desenvolvimento da modernidade européia, predominam dicotomias: tradição ou modernidade, progresso ou reação, comunidade ou sociedade, racionalização ou carisma. Quando aplicadas à história alemã moderna, tais dicotomias sugerem que o nacionalismo alemão e o nacional-socialismo subsequente tenham sido fundamentalmente motivados pela rejeição da modernidade: os valores políticos da Revolução Francesa e as realidades econômicas e sociais citadas pela Revolução Industrial. A Alemanha romântica, dizem-nos, rejeitava a modernidade cientifista. Tivesse a visão bucólica subjugado o avanço tecnológico, a modernidade alemã não teria conduzido à catástrofe alemã. Neste estudo da tradição cultural a que chamel de modernismo reacionário, estou advogando uma opinião mais matizada da ideologia alemã na República de Weimar e no Terceiro Reich.

Meu argumento básico é o seguinte: antes e depois de os nazistas terem tomado o poder, uma das correntes importantes dentro da ideologia conservadora e subsequentemente nazista era aquela que buscava conciliar as idéias antimodernistas, românticas e irracionalistas existentes no nacionalismo alemão com a mais óbvia manifestação da racionalidade de meados-fins. Isto é, com a tecnologia moderna. O modernismo reacionário é um construto típico-ideal. Os pensadores a que chamo de modernistas reacionários nunca empregaram precisamente estes termos para descrever a si mesmos. Mas essa tradição consiste numa coleção coerente e significativa de palavras, palavras familiares e expressões emotivas que tinham o efeito de converter a tecnologia, de componham a de uma Zivilisation estranha, ocidental, em parte orgânica.

nica da *Kultur* alemã. Combinavam reação política com avanço tecnológico. Onde os conservadores alemães haviam falado de tecnologia ou cultura, os modernistas reacionários ensinaram a direita alemã a falar de tecnologia e cultura. O modernismo reacionário não foi fundamentalmente uma reorientação pragmática ou tática, o que não significa negar que tenha transformado as necessidades industriais-militares em virtudes nacionais. Mais propiamente, incorporava a tecnologia moderna ao sistema cultural do nacionalismo alemão moderno, sem lhe diminuir os aspectos românticos e anti-racionais. Os modernistas reacionários foram nacionalistas que desviaram do bucolismo voltado para o passado o antiecapitalismo romântico da direita alemã, apontando em lugar disso para os conteúdos de uma ordem nova e bela que substituiria o caos disforme devido ao capitalismo em uma nação unida, tecnologicamente adiantada. Ao fazê-lo, concariaram para a persistência da ideologia nazista do início ao fim do regime de Hitler. Exigiam uma revolução de direita que restaurasse o primado da política e do estado sobre a economia e o mercado e, por meio disso, restaurasse os laços entre o romantismo e o rearmamento na Alemanha.

Embora eu os chame de modernistas reacionários, estes pensadores se viam como revolucionários culturais que buscavam sepultar o materialismo no passado. Na opinião deles, materialismo e tecnologia não eram de forma alguma idênticos. Thomas Mann captou a essência do modernismo reacionário quando escreveu: "o aspecto verdadeiramente característico e perigoso do nacional-socialismo era a mescla que fazia de robusta modernidade com uma postura positiva rumo ao progresso, associadas a sonhos do passado; um romantismo altamente tecnológico". Este livro apresenta aquilo que Mann entendia como a interpenetração da *Innerlichkeit* (intelectualidade) alemã com a tecnologia moderna.

A reconciliação alemã de tecnologia e irrazão começou nas universidades técnicas alemãs por volta da virada do século; foi primeiramente defendida pela intelectualidade não-técnica na revolução conservadora de Weimar; encontrou abrigio no Partido Nazista na década de 20 e entre os propagandistas do regime de Hitler na

1. Mann, T. "Deutschland und die Deutschen", in Thomas Mann: *Essays*, vol. 2, *Politics*, Herman Kunze org., Frankfurt, 1977, p. 294. Uma crítica das teorias dicotômicas do desenvolvimento da "sociedade industrial" se encontra em Giddens, A., "Classical Social Theory and the Origins of Modern Sociology", *American Journal of Sociology* n. 81, 1976, pp. 703/729. Ver também o ensaio de Norr, J. "German Social Theory and the Hidden Face of Technology" in *European Journal of Sociology* XV 1974, pp. 312/336.

década de 30; e transformou-se num fator que concorreu para o triunfo da ideologia totalitária até 1945. Os porta-vozes dessa tradição eram numerosos professores de engenharia, bem como colaboradores de revistas editadas pelas associações nacionais de engenharia. Na revolução conservadora de Weimar, a adoção irracionalista da tecnologia foi defendida por Hans Freyer, Ernst Jünger, Carl Schmitt, Werner Sombart e Oswald Spengler, com Marlin Heidegger juntando uma voz mais ambivalente ao coro modernista reacionário. No seio do Partido Nazista, as teorias de Gottfried Feder, da ameaça financeira dos judeus à produtividade alemã, foram afinal suplementadas por uma expressão mais sutil do romantismo e da técnica moderna sob a direção de Joseph Goebbels e Fritz Todt, administrador da construção das *Autobahnen* (auto-estradas) e primeiro ocupante do Ministério de Armamentos de Hitler. Do começo ao fim, os modernistas reacionários contribuíram para a coexistência do irracionalismo político lado a lado com o armamentismo e a racionalização industrial. Ao fim da guerra, por exemplo, o Centro de Pesquisas das SS localizado em Peenemünde, que desenvolvia foguetes V-1 e V-2, estava empenhado na busca desesperada de uma arma que milagrosamente revertesse o fluxo da guerra, então obviamente perdida.

Não é paradoxal rejeitar a tecnologia de par com a razão iluminista, ou abraçar a tecnologia ao mesmo tempo em que se celebra a razão. É normal sobrevirem esses emparelhamentos quando se escolhe entre o clericalismo e o bucolismo. Mas é paradoxal rejeitar o iluminismo e ao mesmo tempo abraçar a tecnologia, a exemplo do que os modernistas reacionários fizeram na Alemanha. O que pretendiam era que a Alemanha podia ser ambas as coisas, tecnologicamente adiantada e fiel à sua alma. Todo o legado anti-ocidental do nacionalismo alemão indicava implicitamente que semelhante conciliação entre alma e tecnologia estava fora de questão, pois nada podia estar em desacordo maior com a cultura alemã. Mas os modernistas reacionários reconheciam que pontos de vista antitecnológicos eram a fórmula da impotência nacional. O estado não podia ser simultaneamente forte e tecnologicamente atrasado. Os modernistas reacionários insistiam que a *Kultur* alemã pudesse ser ambas as coisas, poderosa e fiel à própria alma. Como Joseph Goebbels repetidamente afirmava, este devia ser o século do *stählernden Romanik*, do romantismo de aço.

Ponto fundamental a se colocar a respeito do nacional-socialismo é que a ideologia de Hitler constituiu o fato político decisivo do regime nazista até o catastrófico final. Muito poucos entre os aliados conservadores de Hitler e

os opositores de esquerda esperavam que isso ocorresse. Argumentavam alguns que Hitler era um oportunista cínicco, que abandonaria os princípios por amor ao poder. Outros simplesmente não viam como aceitar a idéia de que alguém ou um bom número de pessoas levasse a sério tal desprezível mistura de irracionalidade e inumanidade. Outros ainda, na época e desde então, argumentavam que o nacional-socialismo era fundamentalmente uma rejeição total do mundo moderno e de seus valores. Como tal, seu dinamismo ideológico se romperia quando estivesse efetivamente governando e administrando a sociedade industrial mais adiantada da Europa. O porquê de isto não ter acontecido tem sido desde então foco de discussões acadêmicas².

Neste livro, aplico a sociologia interpretativa a este problema. Como dizia Max Weber, a sociologia constitui um esforço interpretativo porque pode oferecer explicações causais da ação social apenas na medida em que tais análises se mostrem simultaneamente adequadas no plano do significado. Consequentemente, a fim de concorrer para uma explicação causal da primazia da política e da ideologia na Alemanha nazista, concentrei-me nos motivos, nos significados, nas intenções e no simbolismo, e plotei uma visão de mundo típico-ideal a que estou chamando de modernismo reacionário. Na última década, abriu-se uma cisão entre os que analisam a política e os que analisam o significado e a intencionalidade. De um lado, estruturalistas militantes nos disseram que as intenções humanas pouco contam no esquema maior determinado por classes, estados e pelo sistema internacional. De outro lado, fenomenólogos igualmente militantes abandonaram o campo da análise política e histórica. Esta cisão se expressa por meio de um barbaresco linguístico: "macro" versus "micro" sociologia. Ultimamente, os militantes parecem estar algo menos belicosos, e a idéia de se prestar atenção no que as pessoas efetivamente pensam e acreditam vem se tornando respeitável outra vez. Isto nada tem a ver com uma suposta "demência senil" da ciência social, mas antes com o argumento de Weber de que a explicação dos eventos sociais e políticos requer cuidadoso exame do significado e da intencionalidade dos agentes situados em um contexto histórico e social particular. Neste sentido, as obras de Weber sobre o surgimento do estado moderno, da burocracia ou do

2. Uma visão geral do debate em curso pode ser encontrada em Bracher, K.D. "The Role of Hitler: The Problem of Underestimation", pp. 211/225, e em Mommsen, H. "National Socialism - Continuity and Change", pp. 179/210, ambos in *Fascism: A Reader's Guide*, Walter Laqueur org. Berkeley, 1976.

espírito do capitalismo, a partir das ansiedades psicológicas acalentadas pelas elites protestantes, constituem análises "estruturais". Tal projeto é esquivo e difícil, pois exige o exame dos vínculos entre a estrutura sócio-econômica, as tendências culturais e a política. Isto é, ou deveria ser, uma das principais tarefas do sociólogo, e constitui um dos meus objetivos prosseguir por essas linhas neste estudo. No restante deste capítulo, pretendo situar este trabalho entre os esforços feitos no passado para "enlutar" o nacional-socialismo e a modernidade, e definir os termos da discussão.

Os intérpretes do nacional-socialismo têm colocado no centro dos debates da ideologia nazista a revolta cultural e política contra a modernidade. Georg Lukács chamava a Alemanha de "nação clássica do irracionalismo". O ponto de vista de Helmuth Plessner sobre a "nação atrasada", os estudos de George Mosse da "ideologia völkisch" [popular], o trabalho de Karl Mannheim sobre o "pensamento conservador" e a análise de Fritz Stern sobre a "política do desespero cultural" salientavam todas a relação entre a ideologia de direita e o protesto contra o iluminismo, a ciência moderna, o liberalismo, o mercado, o marxismo e os judeus. Talcott Parsons afirmou que "pelo menos um aspecto de importância fundamental do movimento nacional-socialista" foi uma "mobilização das tendências românticas extremamente entranhadas da sociedade alemã a serviço de um movimento político violentamente agressivo, que incorporava uma revolta 'fundamentalista' contra toda a tendência de racionalização do mundo ocidental". Henry J. Turner recentemente resumiu a análise apresentada pelos teóricos da modernização. O nacional-socialismo, escreve ele, foi produto de uma "crise de modernização". Ideologicamente, representava um "antimodernismo típico.../ uma revolta extrema contra o mundo industrial moderno e uma tentativa de recapturar um passado mítico distante". O antimodernismo nacional-socialista confrontava com o fascismo italiano, com a fascinação futurista deste pela velocidade e pela beleza das máquinas³.

A via da Alemanha rumo à modernidade estava por dentro. Lukács, G. *Die Zerstörung der Vernunft*, Darmstadt, 1962; Plessner, H. *Die verspätete Nation*, Frankfurt, 1974; Mosse, G. *The Crisis of German Ideology*, New York, 1964; Mannheim, K. "Conservative Thought", in *From Karl Mannheim*, Kurt Wolff org., New York, 1971, p. 132; Stern, F. *The Politics of Cultural Despair*, New York, 1961; Parsons, T. "Democracy and Social Structure in Pre-Nazi Germany", in *Essays in Sociological Theory*, New York, 1964, p. 123. Ver também do mesmo autor, "Some Sociological Aspects of Fascist Movements", pp. 124/141; no mesmo volume, Fritz Ringer documentou pontos de vista antimodernistas entre os professores alemães de humanidades e ciências sociais em *The Decline of the German Mandarins*, Cambridge, Massachusetts, 1969.

4. Turner, H.J. "Fascism and Modernization" in *Reappraisals of Fascism*, New York, 1976, pp. 117/139. James Gregor, que se concentra na Itália, interpreta o fascismo como movimento de industrialização e modernização, assim como aliada desenvolvimentista. Ver seus trabalhos: "Fascism and Modernization: Some Addenda", *World Politics* n.26 1974, pp. 382/4; *Interpretations of Fascism*.

trás da intensidade de sua revolta antimodernista. Comparada com a da Inglaterra e da França, a industrialização alemã foi tardia, rápida e completa. As unidades econômicas eram grandes e a intervenção do estado, extensa. E o mais importante: a industrialização capitalista aconteceu sem uma revolução burguesa bem-sucedida. A burguesia, o liberalismo político e o iluminismo permaneceram fracos. Enquanto na Inglaterra e na França o conceito de estado estava associado com democracia e igualdade, na Alemanha permaneceu autoritário e liberal. Nas palavras de Ralf Dahrendorf, "o potencial explosivo do recente desenvolvimento social alemão se situava no 'embate e na fusão' da rápida industrialização com as 'estruturas herdadas do estado dinástico da Prússia', embate que deixava pouco espaço para o liberalismo político e econômico". O nacionalismo alemão era em grande parte um contínuo movimento que expressava o anseio por uma vida mais simples, pré-industrial. O Volk precisava ser protegido das influências corruptoras da Zivilisation ocidental.

Como, então, o nacionalismo alemão e subsequentemente o nacional-socialismo se conciliaram com a tecnologia moderna? Barings Moore Jr. formulou a razoável conclusão de que "a limitação básica" desse imaginário rural "catolico" jazia na hostilidade inelutável ao industrialismo, como resultado da qual ele transformava-se em nostalgia rural". Dahrendorf e David Schoenbaum aprofundaram a ideia de que a ideologia nazista era incompatível com a sociedade industrial. Dahrendorf argumentava que, a despeito da ideologia antimodernista dos nazistas, as exigências do poder totalitário fizeram deles inovadores radicais. O "forte empurrão para a modernidade" constituiu a característica decisiva do nacional-socialismo, tendo resultado num surpreendente con-

(Morristown, New Jersey, 1974); e *The Fascist Peculation in Radical Politics* Princeton, New Jersey, 1974. Sobre o antindustrialismo compartilhado pela extrema-esquerda e pela extrema-direita de Weimar, ver Griebing, H. *Unkrad-callismus gleich Reichsradikalismus: Eine falsche Gleichung*, Stuttgart, 1969, especialmente o capítulo 3. "Antindustrialistische gesellschaftliche Kultur-, Zivilisations- und Kapitalismuskritik", pp. 37/50; König, R. "Zur Soziologie der Zwanziger Jahre: oder ein Epilog zu zwei Revolutionen, die niemals stattgefunden haben, und was daraus für unsere Gegenwart resultiert", in *Die Zeit ohne Eigenes: Jahre: ne Bilanz der Zwanziger Jahre*, Leonard Rheinisch org., Stuttgart, 1963, pp. 82/118; Offe, C. "Technik und Endantriebsqualität: Eine Version der 'Technokratie-These'" in *Antworten auf Herbert Marcuse*, Jürgen Habermas org., Frankfurt, 1968, pp. 73/88.

5. Sobre a via liberal da Alemanha rumo à modernidade, ver Dahrendorf, R. *Society Democracy in Germany*, New York, 1966.

6. Brachler, K.D. *The German Dictatorship*, trad. Jean Steinberg, New York, 1970.

7. Dahrendorf, R., op. cit., p. 45.

8. Moore Jr., B. *The Social Origins of Dictatorship and Democracy*, Boston, 1966, esp. pp. 404/508. Thorstein Veblen argumentou de modo semelhante em sua clássica obra *Imperial Germany and the Industrial Revolution*, Ann Arbor, Michigan, 1966.

flito entre a ideologia nazista e a prática. "Não nos devemos iludir com o véu da ideologia", pois o hiato entre a ideologia e a prática era tão surpreendente que "quase nos sentimos tentados a crer que a ideologia constituiu um simples esforço para deliberadamente enganar o povo". Acompanhando linhas semelhantes, Schoenbaum descrevia o nacional-socialismo como uma "revolução dualista", isto é, uma guerra ideológica contra a sociedade burguesa e industrial, empreendida com meios burgueses e industriais. Na sua visão, o conflito entre a perspectiva antindustrial dos ideólogos nazistas e a prática modernizante do regime nazista foi resolvida através da "aproximação inevitável" entre o movimento de massa nazista e o estado e as elites industriais que o movimento prometera destruir. Na opinião de Schoenbaum, os nazistas estabeleceram a paz com a tecnologia moderna porque dela precisavam para levar a cabo sua política antimodernista, mas não porque nela discernissem qualquer valor intrínseco.¹⁰

Os pontos de vista de Dahrendorf e Schoenbaum lembram a análise do hiterismo efetuada por Hermann Rauschning, que o via como uma "revolução do nihilismo" orientada por uma coleção completamente cínica e oportunista de racionalizações que se faziam passar por visões de mundo.¹¹ O problema é que a prática de Hitler coincidia com sua ideologia em muitas maneiras realmente importantes. Se a ideologia e a prática estavam em tamanho desacordo, como podemos explicar a leal unidade delas durante a guerra e o Holocausto? A tese da "revolução dualista" manifesta cinismo ideológico onde existiam coerência e crença ideológicas. O "forte empurrão para a modernidade", ou pelo menos para certos aspectos da sociedade moderna, de fato existia, mas não às custas da ideologia nazista. Tanto Dahrendorf como Schoenbaum subestimaram o grau em que a adoção seletiva da modernidade - especialmente da tecnologia moderna - já ocorrera dentro do nacionalismo alemão tanto antes quanto depois de os nazistas terem tomado o poder em 1933.

O problema principal dessa análise foi o de ter negligenciado os aspectos modernos da ideologia nazista. Já os marxistas tiveram pouca dificuldade a esse respeito porque examinaram o regime de Hitler como uma variante do fascismo, o qual, por sua vez, era uma forma de capitalismo. Às vezes, tais análises dão a entender que Hitler tenha sido apenas instrumento das ca-

9. Dahrendorf, R., op. cit., pp. 381/6.

10. Schoenbaum, D. *Hitler's Social Revolution*, New York, 1967, p. 276.

11. Rauschning, H. *The Revolution of Nihilism*, London, 1939. Uma crítica deste ponto de vista e a apresentação das ideias de Hitler como coerente visão de mundo podem ser encontrada em Jäckel, E. *Hitler's World View: A Blueprint for Power*, trad. Herbert Arnold Middletown, Connecticut, 1972.

phistas ou que a ideologia nazista tenha de fato declinado de importância após a tomada do poder¹². E, na melhor das hipóteses, tal como no clássico *Behemoth* de Franz Neumann, empregam um conceito utilitário de classe e ideologia que exclui a possibilidade de que o regime de Hitler pudesse agir contra os interesses do capital alemão - como na verdade o fez quando perseguiu a utopia racial acima de tudo o mais¹³. O caminho é diferente, mas os marxistas e os teóricos da modernização chegam à mesma conclusão: quer isso se devesse à natureza antimodernista da ideologia ou à força inelutável dos interesses de classe, tanto uns quanto outros afirmam que a ideologia nazista não poderia explicar as ações do regime de Hitler. Não têm, assim, como explicar a vitória da ideologia no Terceiro Reich¹⁴.

Durante os anos 30, o debate a respeito da síntese da técnica e da lição na ideologia alemã ocorria entre os teóricos críticos da escola de Frankfurt, assim como na obra do marxista romântico Ernst Bloch. Os ensaios de Walter Benjamin a respeito da diáspora de Weimar iniciaram um debate sobre fascismo e es-

12. Como se vê em Poulantzas, *N. Fascism and Dictatorship: The Third International and the Problem of Fascism*, Londres, 1974. Ver também Caplan, J., 'Theories of Fascism: Nicola Poulantzas as Historian', *History Workshop Journal*, 1977, pp. 83/100, e Rabinbach, A., 'Poulantzas and the Problem of Fascism', *New German Critique*, Primavera, 1976, pp. 167/170.

13. Neumann, *F. Behemoth: The Structure and Practice of National Socialism*, New York, 1944. Escreveu Neumann: 'o poder político interno do antissemitismo [...] nunca permitiu o extermínio completo dos judeus. O inimigo não pode e não deve desaparecer; deve ser sempre deixado de propósito como base explorável de todas as males que se originam no sistema socio-político' (p. 125). Eich Goehagen salienta que o assassinato dos judeus constitui 'a mais notável retaliação de que os nacional-socialistas fossem manipuladores decedentes e cínicos do antissemitismo'. In *Weltanschauung und Endlösung*, *Vierteljahrsschrift für Zeitgeschichte*, outubro, 1976, pp. 379/405. Ver também Hilgner, A., *Hitlers Strategie: Politik und Kriegführung, 1940/1941*, Frankfurt, 1965 e 'Die "Endlösung" und das deutsche Ostexpedition als Kernstück des rassenideologischen Programms des Nationalsozialismus', *Vierteljahrsschrift für Zeitgeschichte*, abril, 1972, pp. 133/153. Hildebrand, K., em *The Foreign Policy of the Third Reich*, Berkeley, 1973, caracteriza com clareza os pontos em que havia concordância entre Hitler e as elites conservadoras radicais, bem assim as pontas de divergência entre eles, quando a ideologia nazista substituiu a 'política do poder' racial (pp. 106/7). Sobre as análises mantidas do fascismo e sobre o estabelecimento do catolicismo judaico na Alemanha Ocidental do pós-guerra, ver: Dawidowicz, L., *The Holocaust and the Holocausters*, Cambridge, Massachusetts, 1981; Herf, J., 'The "Holocaust" Reception in West Germany: Right, Center and Left', *New German Critique*, n. 19, inverno, 1980, pp. 30/52; Poulantzas, M., 'Ant-Semitism and National Socialism: Notes on the German Reaction to "Holocaust"', *New German Critique*, n. 19, inverno, 1980, pp. 97/115; e Rabinbach, A., 'Ant-Semitism Reconsidered: Reply to Poulantzas and Bernant', *New German Critique*, n. 21, Outono, 1980, pp. 129/141.

14. Certas críticas da análise do totalitarismo negam que o nacional-socialismo fosse um sistema de dominação monolítico. Por exemplo, Hans Mommsen e Martin Broszat argumentam que o nazismo era uma 'poliarquia' de autoridades em conflito, o que tornava possível a escalada das lógicas radicais dos SS. Ver, de Broszat, *Der Staat Hitler*, Munique, 1969; e de Mommsen, 'Continuity and Change in the Third Reich'. Os críticos estavam desistindo um espantoso. Em *The Origins of Totalitarianism*, Cleveland, 1959, escrevia Hannah Arendt que a ausência de hierarquias definidas, a multiplicação de gabinetes e a confusão de responsabilidades burocráticas foram decisivos para o totalitarismo no poder, porque a burocracia e

tética que continua até os dias de hoje¹⁵. A análise que Bloch fez da *Ungleichzeitigkeit*, algo como "não-contemporaneidade", chamava a atenção para a fusão do romantismo alemão com o culto da técnica nas revistas dos engenheiros alemães¹⁶. Max Horkheimer sustentava que o nacional-socialismo organizou uma "revolta da natureza" contra o capitalismo e o industrialismo modernos, a qual fugia de temas antitecnológicos¹⁷.

Mais do que quaisquer outros teóricos sociais modernos, Horkheimer e Theodor Adorno colocaram no centro das atenções o entrelaçamento do mito e da racionalização, na clássica obra *Dialética da Iluminação*. Abilam o livro com a afirmação, hoje bem conhecida, de que o "mundo plenamente esclarecido" irradiava um "desastre titânico"¹⁸.

Se isso de fato ocorria, compreender a relação entre nazismo e modernidade era decisivo. Parte da argumentação deles simplesmente repelia pontos de vista marxistas padrão: "O anti-semilismo burguês tem uma motivação econômica específica: o encobrimento da dominação na produção"¹⁹. Os anticapitalistas de direita identificavam os judeus com a esfera de circulação "improdutiva" do sistema bancário, das finanças e do comércio e enalteciam a esfera da produção e da tecnologia como parte integrante da nação. O antissemitismo alemão era anti-semita mas não antitecnológico. Foi, contudo, uma segunda análise do iluminismo, de maior

o temor resultantes: apertavam a força da liderança e serviam para preservar a dinâmica de um "estado-em-movimento". Ver "The So-called Totalitarian State", pp. 392/419.

15. Ver como Benjamin discute as idéias de Ernst Jünger e de outros pensadores da diáspora em "Theorien des deutschen Faschismus", in Benjamin, W., *Gesammelte Schriften*, vol. 3, Frankfurt, 1977, pp. 238/250. Traduzido para o inglês por Jerrold Wikoff com o título de "Theories of German Fascism", *New German Critique*, n. 17, Primavera, 1979, pp. 120/18. Ver também *Links hätte noch alles sich zu enträtseln*, Walter Benjamin im Kontext, Walter Buhrhardt org., Frankfurt, 1978, especialmente o ensaio de Ansgar Hillach, "Die Ästhetisierung des politischen Lebens im Nationalsozialistischen 'Bewegung'". In *Ästhetisierung des politischen Lebens im Nationalsozialistischen 'Bewegung'*, Frankfurt, 1978, especialmente o ensaio de Ansgar Hillach, "Die Ästhetisierung des politischen Lebens im Nationalsozialistischen 'Bewegung'". In *Ästhetisierung des politischen Lebens im Nationalsozialistischen 'Bewegung'*, Frankfurt, 1978, pp. 83/101. Traduzido para o inglês com o título de "Fascist Politics as a Total Work of Art", in *New German Critique*, n. 14, Primavera, 1978, pp. 41/60.

16. Bloch, E., *Erbschaft dieser Zeit*, Frankfurt, 1962 e "Technik und Geistesentwicklung", in *Verfremdungen*, I, Frankfurt, 1962, pp. 177/185.

17. In Horkheimer, M., *The Eclipse of Reason*, New York, 1975. Horkheimer debatelou a ligação entre irracionalismo e tecnologia também em "Zum Rationalismus, mustert in der gegenwärtigen Philosophie", *Kritische Theorie der Gesellschaft*, vol. I, Frankfurt, 1968, pp. 123/4.

18. Horkheimer, M. e Adorno, T., *Dialectic of Enlightenment*, New York, 1972, p. 3.

19. Ibid., p. 173. H. Marcuse também debatelou o ataque da retórica anticapitalista de direita contra o *Händlerium* [ou o mercado] em "The Struggle Against Liberalism in the Totalitarian View of the State", *Negations*, trad. Jeremy

alcance, que verdadeiramente caracterizou a obra de Horkheimer e Adorno. Argumentavam, que o desastre alemão resultava de um encadeamento, entre razão, mito e dominação, implícito no pensamento iluminista desde Kant e Hegel. A verdadeira face calculista e dominadora do iluminismo estava evidente nas orgias e torturas altamente organizadas dos marques de Sade. Na Alemanha, os judeus podiam ser como eram identificados tanto com a racionalidade abstrata como com o retardamento e a relutância em se adaptarem à comunidade nacional²⁰. O nacional-socialismo condensava em determinado lugar e em determinada época as terríveis potencialidades da dominação ocidental da natureza.

Horkheimer e Adorno estavam certos em salientar que a razão e o mito estavam entretecidos na ditadura alemã. Não há dúvida de que os paradoxos culturais do modernismo reacionário fossem menos desconcertantes para estes pensadores dialéticos do que para aqueles mais acostumados a modos dicotômicos de pensamento. Contudo, se era acurada sua percepção, sua teoria do iluminismo e sua visão da história alemã moderna estavam deploravelmente equivocadas²¹. O que se provou tão desastoso para a Alemanha foi a separação entre o iluminismo e o nacionalismo alemão. A sociedade alemã permaneceu parcialmente - já mal "plenamente" - esclarecida. A análise de Horkheimer e Adorno passava por cima desse contexto nacional e generalizava as misérias da Alemanha como dilemas da modernidade per se. Consequentemente, eles culpavam o iluminismo por aquilo que na realidade resultava de sua fraqueza. Em que pese a tecnologia exercesse fascínio sobre os intelectuais fascistas da Europa Intelta, foi apenas na Alemanha que ela se tornou parte da identidade nacional. A singular combinação do desenvolvimento industrial com uma fraca tradição liberal constituía o pano de fundo social do modernismo reacionário. A tese da dialética do iluminismo obscureceu essa singularidade histórica. Enquanto "teoria crítica", ela é estranhamente apolítica em relação à história moderna da Alemanha. É uma das ironias da teoria social moderna que os teóricos críticos, que pensavam estar defendendo o singular contra o geral, contribuísem para obscurecer a singularidade da via liberal da Alemanha rumo à modernidade.

Shapiro, Boston, 1968, pp. 3/42.

20. Horkheimer e Adorno, *Dialectic of Enlightenment*, pp. 168/208. Ainda sobre a sociologia da religião e a análise do anti-semitismo em Horkheimer, ver: Carlsbach, Karl Marx and the Radical Critique of Judaism, Londres, 1978, pp. 234/267; Jay, M., "The Jews and the Frankfurt School: Critical Theory's Analysis of Anti-Semitism", in *New German Critique*, Inverno, 1980, pp. 137/149; e Rabinbach, A., "Anti-Semitism Reconsidered".

21. Ver Ringer, *Decline of the German Mandarins*; Habermas, J., "The Enlightenment of Myth and Modernity: Re-reading Dialectic of Enlightenment", *New German Critique*, Primavera/Verão, 1982, pp. 13/30.

Dito isto, é melhor ter sido perceptivo por razões erradas do que ter negligenciado completamente um problema importante. Eu não sei nada generoso se não reconhecesse o papel que conceitos tais como o de reflexão, o de estetização da política e o da dialética do iluminismo representaram ao diligi-me a atenção para a existência de uma irradiação modernista reacionária na Alemanha. Embora parte da literatura sobre o nacional-socialismo inspirada pelos teóricos críticos padeça do abuso de jargões sobre o fascismo e o capitalismo, têm também vindo à luz algumas reconsiderações muito boas sobre a interação das correntes modernista e antimodernista no nacional-socialismo. O estudo de Karl Heinz Bohrer sobre Ernst Jünger; a obra de Anson Rabinbach sobre o Gabinete de Estética do Trabalho dirigido por Albert Speer; a magiça compilação de Klaus Theweleit sobre a inconsciente vida fantasiosa dos membros dos *Freikorps*; o trabalho de Timothy Mason e Elke Hennig sobre a aplicação da retórica antimodernista na racionalização da indústria alemã dos anos 30; o estudo de Karl-Heinz Ludwig, magnificamente fundamentado em trabalho de pesquisa, sobre engenheiros e política antes e no transcurso do Terceiro Reich - todos evidenciam que a ideologia de direita, mais tarde ideologia nazista, estava muito mais entrelaçada com a tecnologia moderna do que afirmavam trabalhos mais antigos²². Trabalhos recentes também têm modificado nossa opinião sobre a relação entre anti-semitismo e antimodernismo. Moishe Postone tentou explicar por que o anti-semitismo atribui tão enorme poder aos judeus - supunha-se que fossem a fonte tanto do capitalismo financeiro internacional quanto do comunismo internacional. Volta-se para a análise de Marx do fetichismo das mercadorias para interpretar o anti-semitismo como uma forma especificamente moderna de ideologia antiliberalista, a despeito de seu vocabulário atávico²³. Embora parte desta literatura nova padeça por inculpar o capitalis-

22. Bohrer, K.H., *Die Ästhetik des Schreckens: Die pessimistische Romantik und Ernst Jüngers Frühwerk*, Munique, 1978; Rabinbach, A., "The Esthetics of Production in the Third Reich", in *International Fascism*, George Mosse org., Beverly Hills, 1979, pp. 189/222; Theweleit, K., *Männerphantasien*, 2 vols., Frankfurt, 1978; Mason, T., "Zur Entstehung des Gesetzes zur Ordnung der nationalen Arbeit, vom 20. Januar 1934: Ein Versuch über des Verhältnis 'archaischer' und 'moderner' Momente in der neuesten deutschen Geschichte", in *Industrielles System und politische Entwicklung in der Weimarer Republik*, ed. Hans Mommsen, Dieter Peisner & Bernd Weibrod orgs., Düsseldorf, 1974, pp. 323/351; Hennig, E., *Bürgerliche Gesellschaft und Faschismus in Deutschland: Ein Forschungsbericht*, Frankfurt, 1977; e Ludwig, K.H., *Technik und Ingenieure im Dritten Reich*, Königstein, Tübinga-Saarländ./Düsseldorf, 1979.

23. Postone, M., "Anti-Semitism and National Socialism: Notes on the German Reaction to 'Holocaust'" - o ponto de partida de Postone é a ideia de que "as características específicas do poder atribuído aos judeus pelo anti-semitismo moderno - abstração, intangibilidade, universalidade, mobilidade - são todas elas características da dimensão valor da forma social analisada por Marx", p. 108. Ao interpretar Auschwitz, Postone o coloca como ponto final do antiliberalismo feiticizado na Alemanha. Ele identifica paradoxos nos concep-

mo pelas especificidades da história alemã moderna, ela tem concorrido para uma reconsideração dos problemas mais importantes do nazismo e da modernidade. Estou me fundamentando nestas e noutras reconsiderações do problema da modernidade e do nacional-socialismo, embora rejeite a implicação de que a modernidade alemã tenha sido apenas um exemplo de uma doença generalizada, inerente às sociedades industriais modernas.

É hora de esclarecer os termos. Chamei à tradição ora examinada de *modernista reacionária*, a fim de enfatizar o fato de que era uma tradição política da direita. Uma figura tal como Oswald Spengler transpunha os limites entre as tradicionais conservadoras prussianas - industriais, *Junkers*, militares e funcionários públicos civis - e os revolucionários conservadores da pós-guerra. Tanto uns quanto outros eram liberais e autoritários, mas os últimos penetravam na classe média baixa a fim de criar um movimento de massa. Do mesmo modo que os ideólogos *völkisch* do século XIX, os revolucionários conservadores buscavam uma revolução político-cultural que revitalizasse a nação. Eram reacionários porque se opunham aos princípios de 1789 e, no entanto, encontravam no nacionalismo uma terceira força, "além" do capitalismo e do marxismo. Ao lado de Hitler, eram revolucionários culturais que buscavam restaurar o instinto e reverter a degeneração devida a um excesso de civilização. A exemplo dos intelectuais *fascistas* de toda a Europa da pós-guerra, os modernistas reacionários da Alemanha viam o comunismo como simples anverso do materialismo burguês, a imagem especular de um mundo sem alma²⁴.

Os modernistas reacionários eram *modernistas* de duas maneiras. Primeiro, e mais obviamente, eram modernizadores tecnológicos; isto é, queriam que a Alemanha fosse mais, em vez de menos, industrializada; tivesse mais em vez de menos aparelhos de rádio, trens, rodovias, automóveis e aviões. Viavam-se como libertadores das forças doentes da tecnologia, reprimidas e mal empregadas por uma economia capitalista vinculada à democracia parlamentar. Segundo, davam vez a temas associados com a vanguarda modernista: Jünger e Gottfried Benn na Alemanha; Gide e Malraux na França; Marinetti na Itália; Yeats, Pound e Wincham Lewis na Inglaterra. O modernismo não era um movimento exclusivamente político, de esquerda ou de direita. Sua divisa central era a do livre espírito criativo em guerra contra a burguesia, recusando-se a aceitar quaisquer limites e advo-

24. Sobre o fascismo enquanto revolução cultural, ver Mosse, G., *Fascism and the Intellectuals*, in *The Nature of Fascism*, S. J. Woolf org., New York, 1969, pp. 205/226; e Festi, J., *Hitler*, trad. Richard Winston e Clara Winston, New York, 1974, pp. 104/6. [No Brasil, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976, trad. Ana Lucia Teixeira Ribeiro et al.]

gando o que Daniel Bell chamou de "megadomania da auto-infiltração", o impulso de ir "além: além da moral, da fragé- dia, da cultura". De Nietzsche a Jünger e em seguida a Goebbels, o credo modernista era o triunfo do espírito e da vontade sobre a razão e a fusão subsequente dessa vontade com uma moda estética. Se a experiência estética sozinha justificava a vida, a moralidade está suspensa e o desejo não tem limites²⁵. O modernismo exaltava o novo e atacava as tradições, inclusive as tradições normativas. Na medida em que padrões estéticos substituíam as normas morais, o modernismo favorecia um fascínio pelo horror e pela violência como bem-vindo alívio ante o fadiso burguês e a decadência burguesa. O modernismo também exaltava o eu. Quando os modernistas se voltavam para a política, buscavam engajamento, compromisso e autenticidade, experiências que fascistas e nazistas promelham proporcionar²⁶. Quando os modernistas reacionários tratavam os trens como corporificação da vontade de poder ou quando viam a alma racial expressa nas *Autobahnen*, estavam popularizando aquilo que até então estivera reservado à vanguarda cultural.

Os modernistas reacionários eram *irracionalistas*. Simplesmente desdenhavam da razão e denegavam-lhe o papel nos assuntos políticos e sociais. Na rejeição da razão iam muito além das cuidadosas críticas ao positivismo na filosofia e nas ciências sociais pelas quais a sociologia alemã se tomara famosa. Embora Adorno e Horkheimer dissecassem o que tomavam por tensões internas da razão, ainda a olhavam como um tribunal de última instância. Mas os modernistas reacionários falavam aquilo que Adorno rotulava de "largo da autenticidade", no qual certos conceitos absolutos, tais como sangue, raça e alma, eram colocados além da justificação racional. Na opinião deles, a própria razão era *lebensfeindlich*, ou seja, "hostil à vida"²⁷.

Os defensores do romantismo alemão do século XIX levantaram uma questão simples, porém importante²⁸: não havia

25. Bell, D., *The Cultural Contradictions of Capitalism*, New York, 1976, pp. 49/52; Habermas, J., *Modernity vs. Post-modernity*, *New German Critique*, n.22, Inverno, 1981, pp. 3/14.

26. Ver Bohrer, K.H., *Die Ästhetik des Schreckens*; Stein, J.P., *Hitler: The Führer and the People*, Berkeley, 1975, excelente estudo da linguagem de Hitler, em particular do recurso dessa linguagem ao eu autêntico; e Adorno, T., *The Jargon of Authenticity*, trad. Kurt Tamarowski e Frederic Will Evanson, Illinois, 1973.

27. Sobre o papel da *Lebensphilosophie* e o significado do irracionalismo na revolução conservadora, ver Sontag, K., *Antidemokratisches Denken in der Weimarer Republik*, Munique, 1988; Lukács, G., *Die Zerstörung der Vernunft*; e Plessner, H., *Die verspätete Nation*.

28. Por exemplo: Barzun, J., *Classia, Romanticism and Modern*, Chicago, 1934; Abrams, M., *Natural Supernaturalism*, New York, 1973; e Gouldner, A., *Romanticism and Classicism: Deep Structures in Social Science*, in *For Sociology*, Midwestern, Inglaterra, 1973, pp. 323/366 - todos eles realçam a contribuição romântica ao humanismo liberal e socialista do século XX. A tese de Gould-

linha direta alguma entre romantismo e nazismo. Além do mais, mesmo na Alemanha a tradição romântica não era exclusivamente de direita ou antitecnológica. Ao contrário, o romantismo focava todos os segmentos do espectro intelectual e político da Alemanha de Weimar, de Lukács e Bloch na extrema esquerda, passando por Mann e Max Weber no centro, até Jünger e seus camaradas revolucionários conservadores. Além disso, como colocou o sociólogo e crítico literário Jünger Ferenc Fehér, a Primeira Guerra Mundial foi um momento decisivo para o anticapitalismo romântico entre a intelectualidade literária, após o qual o romantismo direitista passou a expressar crescente hostilidade contra temas que haviam sido considerados temas românticos típicos, tal como a crítica da desumanização nas mãos da máquina. Michel Lowy e Fehér atribuem a predominância do "anticapitalismo romântico" na Alemanha a predominância do "anticapitalismo" e as relações capitalistas de troca. Bell, a fim de dar conta da rebelião cultural dos intelectuais, alude a uma "disjunção de reinos" entre uma cultura focalizada na eu e um sistema sócio-econômico fundado na eficiência³⁰. As contradições culturais do capitalismo existem nas sociedades capitalistas em geral e eram particularmente agudas na Alemanha do pós-Primeira Guerra Mundial.

Mesmo admitindo que o romantismo alemão tenha sido uma tradição altamente ambígua, declarar sua inocência política seria violentar os fatos. Os aspectos mais sombrios do romantismo se revelaram no modernismo reacionário. O romantismo político na Alemanha representava o seguinte: primeiro, sentia desprezo pela política, vendo-a como o tomadé-dá-cá de grupos de interesse ou do conflito parlamentar. Por isso, nas palavras de Max Weber, acalentava uma política de ética absoluta em vez de uma de responsabilidade.

ner é de que o romantismo alemão do século XIX tenha influenciado decisivamente a teoria social dos primeiros anos do século XX; Max Weber, Georg Simmel, Lukács e a escola de Frankfurt.

29. Quanto à análise de Bell sobre a disjunção de reinos, ver *The Cultural Contradictions of Capitalism* e *The Coming Crisis of Post-Industrial Society*, New York, 1973. A análise de Lowy aparece em estudo que faz sobre Lukács. *Pour une Sociologie des Intellectuels Révolutionnaires*, Paris, 1976. Fehér, F., em estudo muito perspicaz sobre o impacto da Primeira Guerra Mundial sobre Paul Ernst e Georg Lukács, interpreta a guerra como "o momento decisivo do anticapitalismo romântico", após o qual os românticos da direita nacionalista tiveram de se distanciar dos temas românticos comuns do pré-guerra, tais como o ataque ao positivismo ou à tecnologia. Ver Fehér, F.: *Am Scheideweg des romantischen Antikapitalismus...*, in *Die Seele und das Leben: Studien zum frühen Lukács*, Agnes Heller org., Frankfurt, 1972. Paul Breinet assinou a contradição do romantismo ao jovem Lukács. Ver "Marxism, Romanticism and the Case of Georg Lukács: Notes on Some Recent Sources and Situations", *Studies in Romanticism*, Outono, 1977, pp. 473/489; e Arias, A. e Breinet, P.: *The Young Lukács and the Origins of Western Marxism*, New York, 1979. Sobre a conexão entre a busca de Lukács pela comunidade e o engodo da aludura, ver o último estudo de Congdon, L.: *The Young Lukács*, Chapel Hill, Carolina do Norte, 1983.

Os românticos políticos entravam na política para salvar as próprias almas, encontrar nova identidade ou estabelecer a autenticidade do seu compromisso, ou para restabelecer uma *Gemeinschaft* perdida, e não para se empenharem no difícil e frustrante negócio de equilibrar meios e fins. O romantismo político foi particularmente danoso à República de Weimar, pois encorajava a extrema-direita e a extrema-esquerda, ao mesmo tempo em que convencia o centro de que a política não era um empreendimento digno de intelectuais, e de que o desenvolvimento individual tinha precedência sobre a responsabilidade para com a comunidade da lei e do dever³¹.

Segundo, o romantismo alemão era fundamentalmente parte do conceito liberal e autoritário do estado alemão. Havia românticos de esquerda que criticavam o clientelismo marxista, embora permanecessem bojeando as margens políticas dos movimentos socialista e comunista³². Em compação, os românticos da direita se postavam na corrente principal do nacionalismo alemão. Quando celebravam a emoção, a paixão, a ação e a comunidade e criticavam a razão "sem alma", voltavam-se para o estado como alternativa para o liberalismo político e a sociedade capitalista.

Os ideólogos *völkisch* situados dentro da tradição romântica davam especial ênfase ao anseio por um passado pré-industrial, mas seria ilusório tentar definir o romantismo alemão como movimento primariamente voltado para o passado. Mais importante era a acentuação da subjetividade individual, combinada com o sentido de se estar sujeito ao destino e aos fatos além de qualquer controle. O romantismo encorajava a preocupação com um mundo de poderosas forças ocultas além ou por baixo do mundo das aparências. Essa era uma tradição provida de visões apocalípticas nas quais a transformação total de uma *Zivilisation* degenerada ocorria por intermédio de mudança súbita e violenta. A *Kultur* emergia através de um processo purificador de morte e transfiguração³³. Após a Primeira Guerra Mundial, Ernst Jünger e Carl Schmitt se orgulhavam de dilemme do romantismo do século XIX. Mas seu entusiasmo pela *Frontierlebnis* (experiência do front) e sua crença de que a carnificina estava dando à luz um homem novo foi uma velha visão romântica num contexto moderno.

O romantismo tomou formas diversas em contextos nacionais diversos, mas em todo lugar era parte da modernidade.

30. Ver Sontheimer, K.: *Antidemokratisches Denken: Craig, G. Germany: 1866/1945*, New York, 1980, pp. 469/497; e *The Germans*, New York, 1982, pp. 190/212; e Laqueur, W.: *Weimar: A Cultural History, 1918/1933*, New York, 1974. 31. Ver Breinet, "Marxism and Romanticism". 32. Ver Craig, *The Germans: Bohrer, Die Ästhetik des Schreckens* sobre o fascínio dos românticos políticos pela morte e pela violência.

No seu centro estava a exaltação do eu³³. Na França e na Inglaterra, partilhava de tradições democráticas e igualitárias em grau muito mais elevado do que na Alemanha, onde combatia tais reivindicações. Ninguém compreendeu isso melhor do que Thomas Mann. Comentando a "história melancólica da *Innerlichkeit* alemã", dizia ele que a "contra-revolução romântica contra o iluminismo" dera contribuições decisivas ao "velho-novo mundo de reação revolucionária" de Weimar, bem como ao nacional-socialismo. Falando da Alemanha de Hitler, escreveu: "Não há duas Alemanhas, uma boa e outra má, mas somente uma, que pela asúcia do demônio dedicou o melhor de si ao serviço do mal"³⁴. O nacional-socialismo conciliou a *Innerlichkeit* com a tecnologia moderna. Os modernistas reacionários eram ideólogos alemães que selecionavam entre as próprias tradições nacionais aqueles elementos que tornavam possíveis essas conciliações culturais.

Como já disse antes, este livro reúne preocupações que com muita frequência são mantidas separadas: cultura e significação, e história e política. A meu ver, isto é uma abordagem realista; ou seja, ela ajuda a explicar o desenrolar dos acontecimentos. Ponham-na em contraste com as previsões que Franz Neumann fazia em 1942, perfeitamente típicas, de que "um conflito extremamente profundo" se desenvolveria entre o "carácter mágico" da propaganda nazista e os processos "racionalis" da indústria moderna. Neumann acreditava que esse conflito levaria os engenheiros alemães a se situarem entre os primelios a perceber que a Ideologia nazista era pura "mistificação". Ele acreditava também que os engenheiros se constituiriam na "mais séria brecha no regime", pois que, praticantes da "vocalização mais racional", opor-se-iam ao mau uso da tecnologia pelo "capitalismo totalitário de monopólio"³⁵. Na verdade, com poucas exceções, os praticantes da vocalização mais racional não romperam com a ditadura alemã e muitos vieram a compartilhar sua visão de mundo. A tradição modernista reacionária contribuiu para essas alianças e afinidades ideológicas.

Ao seguir os rastros dessa tradição, estarei prestando especial atenção àquilo que Clifford Geertz chamou de "processo autônomo de formulação simbólica", isto é, como "as ideologias transformam o sentimento em significação e o tornam socialmente disponível". Os ideólogos fazem isso por meio do simbolismo, das metáforas e da analogia. Se fazem bem o seu serviço, podem integrar significados discordantes - *Technik* e *Kultur*, por exemplo - numa estrutura unificada que conflita sentido a condições sociais de outro modo incom-

33. Ver Barzun, *Class, Romanticism and Modernity*; Tilling, L. *Sincerity and Authenticity*, Cambridge, Massachusetts, 1969; e Stein, J.P., *Hitler*.

34. Mann, "Deutschland und die Deutschen", pp. 297/8.

35. Neumann, *Behemoth*, pp. 471/2.

preensíveis e possibilita a ação política dentro desses cenários³⁶.

As realizações dos modernistas reacionários foram consideráveis. No país da contra-revolução romântica contra o Iluminismo, conseguiram incorporar a tecnologia ao simbolismo e à linguagem da *Kultur* - comunidade, sangue, vontade, eu, forma, produtividade e, por fim, raça - sacando-a para o lado do reino da *Zivilisation* - razão, intelecto, internacionalismo, materialismo e finanças. A integração da tecnologia à visão de mundo do nacionalismo alemão proporcionou uma matriz cultural que parecia restaurar a ordem naquilo que esses pensadores viam como a realidade caótica do pós-guerra³⁷. O que tivera início como tradição própria dos engenheiros alemães e dos homens de letras da direita terminou nos seus administradores pelos nazistas. Ao conciliarem tecnologia e *Innerlichkeit*, os modernistas reacionários concorreram para a nazificação da engenharia alemã e para a primazia da Ideologia e da política nazistas sobre a racionalidade técnica e o cálculo de meios-e-fins do interesse nacional, até o fim do regime de Hitler. Contribuíram para a unidade - e não para a separação - da Ideologia totalitária e da prática política na ditadura alemã.

36. Geertz, C. *The Interpretation of Cultures*, New York, 1973, pp. 211 e 220; sobre política e linguagem, ver também Burke, K. *The Philosophy of Literary Form*, Boston, 1914, especialmente a análise que faz da retórica de Hitler, pp. 164/189; e ainda *A Rhetoric of Motives*, Berkeley, 1950.

37. Schumacher, J. *Die Angst vor dem Chaos*, Paris, 1937; introdução em Frankfort, 1972.